

# TRADUÇÃO IMAGÉTICA DO MINICONTO *UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO* DE MARINA DE COLASANTI: UMA ESTRATÉGIA PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR-AUTOR

Maria Gomes da Costa Silva <sup>1</sup>

## RESUMO

Consolidar um ensino de língua portuguesa numa perspectiva socio-interativa, como propõem os documentos oficiais vigentes, é um desafio para os professores de língua portuguesa, sobretudo devido às dificuldades de leitura apresentadas pelos estudantes, as quais se refletem na escrita. Assim, é preciso buscar novos caminhos para desenvolver competências básicas de leitura. Fruto da dissertação de mestrado intitulada *Da leitura de minicontos de Marina Colasanti para os quadrinhos: uma estratégia de letramento literário*, este artigo objetiva demonstrar como a leitura do texto literário aliada às atividades de tradução imagética e a estratégias de leitura pode contribuir para a formação de um aluno leitor-autor. A intervenção foi realizada numa turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública, e consistiu na aplicação de oficinas de letramento literário, resultando na tradução/adaptação para os quadrinhos de minicontos de Marina Colasanti. Para análise, foram selecionadas duas produções realizadas a partir do miniconto *Uma questão de educação* que retrata a violência física e/ou simbólica contra a mulher. Para comprovar a hipótese apresentada, foram observados os seguintes aspectos: atualização da temática, a presença de subjetividade; a organização e a criatividade nas HQs produzidas, considerando a linguagem dos quadrinhos, e a presença dos aspectos sociais dos minicontos. Observamos, então, a recepção e o efeito do texto literário no leitor, e percebemos que os participantes da pesquisa produziram uma tradução/adaptação que pode ser sintetizada como uma recriação crítica, atualizada, subjetiva, criativa e organizada.

**Palavras-chave:** Letramento literário, Minicontos, Tradução/Adaptação, História em quadrinhos, Aluno leitor – autor.

## INTRODUÇÃO

O ensino de língua/linguagem no Brasil deve ser concretizado numa concepção enunciativa/discursiva, englobando diferentes gêneros textuais, linguagens e áreas do conhecimento, com o propósito de conduzir os estudantes à interação social, aspecto descrito nos documentos norteadores de ensino, já explícito na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - 2018. Todavia, consolidar esse propósito tem sido um desafio para os professores, uma vez que grande parte dos alunos não tem o hábito de ler, especialmente gêneros literários, e essa problemática se reflete tanto na compreensão e interpretação leitoras quanto na produção escrita.

---

<sup>1</sup> Mestra pelo PROFLETRAS, Univerdidade de Pernambuco, UPE - *Campus* Mata Norte, [mary.mar.costa@hotmail.com](mailto:mary.mar.costa@hotmail.com).

Portanto, é preciso buscar estratégias para melhorar os níveis de leitura e escrita e atingir os objetivos previstos pelos documentos oficiais. Nesse sentido, somos conscientes de que o texto literário é um gênero discursivo e do que os efeitos de sua leitura podem provocar no leitor, contribuindo para sua humanização e cidadania. Ademais, compreendemos que o conhecimento é oriundo de imagens que amealhamos em nosso cérebro, as quais podem ser ativadas por meio de estratégias específicas.

Realizamos, então, uma pesquisa qualitativa centrada numa abordagem da pesquisa-ação estratégica, cujo objetivo principal centrou-se em analisar como a leitura do texto literário, aliada a atividades de tradução imagética e estratégias de leitura, pode contribuir para a formação de um aluno leitor-autor, numa turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública, através da tradução/adaptação para os quadrinhos de minicontos de Marina Colasanti que retratam a violência física e/ou simbólica contra a mulher. Para a realização desta estratégia, baseamo-nos nas sequências básica e expandida de letramento literário de Cosson (2014) aliadas à tradução intersemiótica de Plaza (2010).

Para a elaboração deste artigo, centramo-nos nos resultados obtidos a partir das produções relativas ao miniconto *Uma questão de educação*, e para análise dos resultados consideramos os seguintes objetivos específicos: a) identificar, nas produções dos quadrinhos dos estudantes, a relação com suas vivências e experiências; b) analisar a subjetividade na produção dos alunos, através das HQs; c) analisar a tradução intersemiótica dos minicontos para os quadrinhos produzidos pelos estudantes; d) avaliar o resultado da aplicação da estratégia de letramento literário.

A proposta aqui apresentada está dividida em quatro sessões: a primeira apresenta um panorama dos fundamentos teóricos; a segunda, a trajetória metodológica; a terceira, a análise e os efeitos da estratégia realizada; por fim, as considerações finais trazem uma reflexão acerca da experiência de tradução/ adaptação do texto verbal para o verbo-visual.

## **1 PANORAMA DOS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DESTA AÇÃO**

### **1.1 Da recepção do texto literário à interação social**

A leitura é uma experiência particular. Cada leitor recebe um texto literário e seu efeito estético de forma pessoal; concepção oriunda e disseminada pelo advento da Teoria da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito Estético, propostas, respectivamente, por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, no final dos anos 70. De acordo com tais

pressupostos, o leitor passou a ocupar uma posição privilegiada no processo de leitura, ou seja, tornou-se também o produtor da obra de arte.

Segundo Jauss (1994), não se pode conceber a vida artística de uma obra literária sem que o destinatário dela participe ativamente, para isso propõe sete teses que abordam aspectos determinantes na recepção de um texto pelo destinatário, enfocando a importância dos conhecimentos prévios do leitor, seu horizonte de expectativa em relação à obra, bem como a distância, o rompimento e a reconstituição deste horizonte. Especifica que a leitura da obra depende de suas várias recepções ao longo do tempo. A obra é aberta, pode adquirir novos sentidos a cada leitura, permitindo reavaliações; estabelece a necessidade de se compreender as sucessivas recepções de uma obra sincrônica e diacronicamente, suas intersecções; aponta o caráter emancipatório da obra, considera seu caráter tanto estético como ético, social e psicológico; portanto, crítico.

Concomitantemente aos estudos da recepção, Wolfgang Iser apresenta a teoria do efeito estético do texto literário. Segundo Iser (1996), a interpretação do texto depende de fatores que não se limitam às suas respectivas normas, destacando o leitor, considerado o receptor dos textos, sem a presença do qual o processo de leitura de um texto não se consolida. Assim, a obra literária apresenta dois polos: um artístico, criado pelo autor e outro estético, produzido pelo leitor.

Assim, o leitor é um agente na leitura de uma obra literária, mas para que isso aconteça é preciso que ele tenha acesso a obras literárias, pois estas possuem um caráter de “humanização” defendido por Antônio Cândido (2011) que considera a possibilidade de a literatura ser vista pela sociedade como um dos bens integrantes dos direitos humanos, sem o qual não podemos sobreviver, definindo o acesso à literatura com um bem fundamental e afirmando que para estabelecer regimes igualitários na sociedade, todos devem poder passar dos níveis populares para os eruditos, de forma natural, graças à aquisição de conhecimentos. Todavia, “o principal obstáculo pode ser a falta de oportunidade, não de capacidade”, Cândido (2011, p. 188).

Consideramos, então, a importância de garantir essa oportunidade de ler textos literários aos estudantes, em sala de aula, possibilitando-lhes tanto a garantia de um espaço mais justo na sociedade, exercendo sua cidadania, como o desenvolvimento da humanização proporcionado pela literatura, tão em falta no mundo moderno. Contudo, acreditamos que leitura de um texto literário em sala de aula exige estratégias adequadas.

## 1.2 Do uso de estratégias para o desenvolvimento de uma leitura interativa e subjetiva

De acordo com Kleiman (2016), para compreender um texto não basta apenas considerar os aspectos cognitivos, é preciso compreender a leitura como uma atividade que envolve dois sujeitos: o leitor e o autor que interagem de acordo com os objetivos e necessidades preestabelecidos pela sociedade. E para isso, o leitor precisa ativar conhecimentos prévios, linguísticos, textuais e de mundo de forma interativa, só assim conseguirá desvelar alguns segredos do texto.

Koch e Elias (2014) também apresentam o processo de leitura centrado na interação autor-texto-leitor, onde estão em jogo não apenas as pistas e sinalizações que o texto apresenta, mas também os conhecimentos prévios do leitor, ou seja, é uma concepção interativa. Todavia, acreditamos que para a leitura do texto literário, de valor estético e conteúdo simbólico, precisamos considerar também a leitura como um processo subjetivo, particular de cada indivíduo

Nesse sentido, Rouxel, Langlade e Rezende (2013) destacam que é preciso considerar as experiências subjetivas do leitor real, ou seja, a aprendizagem de leitura com ênfase na singularidade de cada um, denominada leitura subjetiva, a qual seria uma aglomeração de outras leituras tanto de mundo como de livros. Rouxel complementa

O investimento subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor quem completa o texto e lhe imprime sua forma singular de pensar e sentir. Não se trata, portanto, de renunciar ao estudo da obra em sua dimensão formal e objetiva, mas de acolher os sentimentos dos alunos, incentivando seu envolvimento pessoal com a leitura (ROUXEL, 2012, p. 272).

Jouve (2013, p. 53-54) corrobora as ideias de Rouxel ao afirmar que toda leitura apresenta uma parte de subjetividade, ou seja, a implicação pessoal do leitor no texto, vista por muitos como um aspecto negativo. Todavia, o autor se atém a aspectos positivos dessa “reapropriação parcial do texto pelo leitor.” O autor destaca ainda que tanto o plano afetivo como o intelectual constitutivos da leitura são afetados pela leitura subjetiva, e que algumas reações do leitor são necessárias e outras, acidentais.

Ainda segundo Rouxel (2013, p.197), devemos centralizar a figura do leitor na leitura, e afirma que os estudiosos atuais estão voltados para o “texto do leitor, fruto de sua implicação e criatividade”. Na visão da autora, o texto do leitor seria o resultado da mistura do texto do autor com o do leitor. E complementa

O imaginário do leitor alimenta-se, ele próprio, de várias fontes: compõe-se de imagens e representações que provêm da sua experiência do mundo – da sua história pessoal, do imaginário coletivo da sociedade em que vive – e das experiências estéticas anteriores (ROUXEL, 2013, p. 2000).

Como Rouxel, compreendemos o quão importante é considerar traços de subjetividade no processo de leitura do texto literário pelos nossos estudantes, os quais carregam marcas de suas vivências e experiências, de suas leituras, de suas particularidades, e, certamente, de suas ausências de contato com o arsenal de material literário, que só a partir de uma experiência de leitura pode ser ampliado, proporcionando aos estudantes sair do estado de Leitor-Empírico e caminhar em direção ao Leitor-Modelo, proposto por Eco (2004), e para este propósito precisamos utilizar estratégias adequadas que possam colaborar para o sucesso da ação leitora.

Colomer e Camps (2002) e Solé (1998) consideram a leitura um processo de interação entre o leitor e o texto para satisfazer um propósito ou objetivo específico, cujo processo envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto em busca de um aspecto fundamental: a compreensão. Para isso propõem instrumentos ou estratégias de leitura, ou seja, uma espécie de caminho para que se desenvolva a compreensão leitora. Entre essas proposições, escolhemos algumas para melhor desenvolver as habilidades de leitura de nossos estudantes: resumir, ativar e aportar à leitura conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo, dirigir atenção ao fundamental e não ao trivial no texto, realizar previsões, elaborar e provar inferências.

### **1.3 Das possibilidades de tradução/adaptação dos minicontos para os quadrinhos**

Obras literárias transmutadas para o cinema, para a televisão, para os quadrinhos ou outros sistemas de signos tornaram-se uma prática intrínseca à sociedade contemporânea. O exercício de traduzir ou adaptar obras de arte para outros meios fez surgir diferentes olhares epistemológicos para tais processos, como a Tradução Intersemiótica proposta por Roman Jakobson (2008) e sistematizada por Julio Plaza (2010) e a Teoria da Adaptação desenvolvida por estudiosos como Linda Hutcheon (2011).

Traduzir é interpretar; faz parte do nosso cotidiano. No sentido usual da palavra, “tradução” significa “ação de traduzir, de transpor para outra língua”<sup>2</sup> processo que envolve a transposição entre linguagens verbais. Todavia, o vocábulo ganhou amplitude

---

<sup>2</sup> De acordo com o dicionário UNESP do Português Brasileiro (BORBA, 2011, p. 22).

nas últimas décadas e adquiriu outros sentidos. Roman Jakobson, teórico russo, foi o primeiro a estabelecer uma descrição sobre as possibilidades de transposição da compreensão dos significados estabelecidos pelos signos linguísticos ou não-linguísticos para outros sistemas de linguagem.

Objetivando ampliar e sistematizar o estudo da tradução intersemiótica, definida por Roman Jakobson, Julio Plaza propõe a “Tradução Intersemiótica”, concebida como uma ação criativa. Na concepção de Plaza (2010), qualquer pensamento é necessariamente tradução. “Quando pensamos, traduzimos aquilo que temos presente à consciência, sejam imagens, sentimentos ou concepções [...]”. Nesse sentido, afirma: “[...] o próprio pensamento é intersemiótico e essa qualidade se concretiza nas linguagens e na sua hibridização” (PLAZA, 2010, p. 30).

Plaza (2010), baseando-se na definição de ícones, índices e símbolos, estabelecidos pela semiótica de Charles Peirce, apresenta três categorias de tradução intersemiótica: a icônica ou transcrição, que se caracteriza pela semelhança com a estrutura da obra original em aspectos materiais, qualitativos e de aparência; a indicial ou transposição, caracterizada pela presença da obra originária na versão produzida, transposta para outro meio; e por fim, a simbólica ou transcodificação, que faz alusão à obra original através de referência simbólica, como, por exemplo, por meio da linguagem figurada. Todavia, para o autor uma obra traduzida pode envolver mais de um desses aspectos, num processo semiótico ilimitado.

Concomitantemente ao conceito de tradução intersemiótica, convive a ideia de adaptação, proposta por Linda Hutcheon (2011) em sua Teoria da Adaptação, propondo que cada leitor faça sua adaptação conforme suas experiências. Portanto, adaptar é um processo particular. Na concepção da autora, adaptação é “o tipo de passagem ‘transcultural’ que ocorre quando uma história é adaptada para outras mídias, isto é, quando ela é ‘indigenizada’ num novo contexto cultural, adquirindo, pois, significados necessariamente diferentes”, (2011, p. 9).

Hutcheon (2011) afirma que a história é o denominador comum no processo de adaptação, a qual pode ser transportada para outros gêneros e mídias; como também diversos aspectos relacionados a ela, por exemplo: temas, eventos, personagens, motivações, pontos de vista, consequências, contextos, símbolos e imagens. Tais

elementos podem ou não ser modificados, uma vez que não existe nem tradução, nem adaptação literais.

Portanto, considerando as teorias de Plaza (2010) e Hutcheon (2011), notamos que um texto literário pode ser “traduzido” ou “adaptado” para outros meios, mídias e gêneros. A obra produzida é resultado de uma “reinterpretação criativa”, uma espécie de interpretação particular de acordo com a realidade de cada adaptador/tradutor, aspecto que não implica em fidelidade à obra literária, mas que, para se configurar numa “adaptação” ou “tradução”, a obra original ou “texto-fonte”, conforme Hutcheon, precisa ser considerada.

Uma das formas de traduções/adaptações mais comuns na contemporaneidade reside na tradução de obras literárias para os quadrinhos, empregando-se a imagem como um dos elementos fundamentais na construção de sentidos, aspecto que pode ser aproveitado de forma significativa para a formação do leitor-autor de forma pessoal, criativa e crítica. Todavia, é preciso planejar cuidadosamente como utilizar tais recursos em sala de aula, com um público em formação como os alunos de ensino fundamental, para isso é indispensável o conhecimento básico da linguagem dos quadrinhos.

### **1.3.1 A linguagem dos quadrinhos**

A História em Quadrinhos, doravante HQ, definida geralmente como um texto que conta uma história utilizando-se da combinação de linguagem verbal e imagens. As HQs estão sendo utilizadas no âmbito didático, de diferentes formas; porém, de acordo com Santos e Vergueiro (2012), o trabalho com o gênero HQ, em sala de aula, apresenta como primeiro desafio para o educador a necessidade de conhecer sua linguagem e seus elementos constitutivos.

Ramos (2016, p. 14) corrobora as ideias dos autores e afirma que “ler quadrinhos é ler sua linguagem”. Já Eisner (1989) emprega o termo arte sequencial em referência à produção de quadrinhos, e afirma que o mais importante nesta tarefa é transmitir ideias, ou histórias, através de palavras e desenhos, envolvendo o movimento de determinadas imagens. Os fatos acontecidos na narrativa devem ser capturados ou encapsulados em segmentos sequenciados, denominados quadrinhos.

O quadrinho principal, dentro do qual se localizam os objetos e as ações, é chamado de requadro, tem a função de uma moldura e pode ser parte da linguagem não verbal na arte sequencial. Também podem ser usados quadrinhos menores dentro do requadro para dar um *close-up* em algumas ações. E aspectos relativos à anatomia

expressiva dos personagens merecem destaque: assim o corpo, a postura e o gesto são significativos na transmissão dos sentidos do texto (EISNER, 1989).

Ramos (2016) considera os quadrinhos um hipergênero e aponta que um dos seus elementos determinantes são os balões, utilizados para representar a fala e os pensamentos. Na reprodução das falas, destacam-se: os balões de fala, pensamento, grito, sussurro, cochicho, berro, balão-trêmulo, balão-composto, etc.

Outro recurso característico do gênero HQ é a legenda. Nela estão retratadas diferentes vozes do narrador. Além disso, é comum que um texto em quadrinhos apresente marcas da linguagem tanto formal quanto informal, dependendo dos enunciadores e do contexto de enunciação; e a reprodução das falas no conteúdo dos balões ajuda a determinar as características dos personagens, ademais a representação da fala pode ocorrer pelo uso de onomatopeias, de acordo com Ramos (2016).

As onomatopeias podem estar dentro ou fora dos balões, o aspecto da letra, como cor, tamanho, formato, prolongamento; e adquirem valores expressivos diferentes de acordo com o contexto de produção. A onomatopeia pode ainda apresentar dupla função: representar o som e atuar com linha cinética, indicando um movimento. Além disso, para representar os aspectos sonoros e cinéticos “não há uma regra para o uso e a criação das onomatopeias. O limite é a criatividade de cada artista”, como afirma Ramos (2016, p. 78).

Apesar de muitos quadrinhos serem produzidos em preto e branco. As cores podem sugerir efeitos, como: indicar movimento, caracterizar personagens, ou contribuir para o entendimento da narrativa, destaca Ramos (2016). É outro recurso que também colabora para a construção dos sentidos do texto, e que também depende das intenções pretendidas pelo artista.

Além disso, a linguagem dos quadrinhos é infinita, e como toda forma de arte, o limite é a criatividade. Nesse sentido, Nick Sousanis, quadrinista e educador, desafia o discurso acadêmico e teoriza conhecimentos entrelaçando o verbal e o visual, em sua obra intitulada *Desaplanar* (2017), através da qual propõe uma ruptura aos padrões estabelecidos.

## **2 DOS MINICONTOS PARA A TRADUÇÃO/ ADAPTAÇÃO – A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

Em busca de um caminho para sanar os problemas decorrentes das dos baixos nível de leitura apresentados pelos estudantes, realizamos esta pesquisa-ação, estratégica e qualitativa, baseada respectivamente nas teorias de Thiollent (1986), Franco (2005) e Guerra (2014). Esta intervenção denominada *Da leitura de minicontos de Marina Colasanti para os quadrinhos: uma estratégia de letramento literário*, realizada pela autora e orientada pelo Prof. José Jacinto dos Santos Silva, foi aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) sob o nº do Certificado de Apresentação para Comissão Ética (CAAE): 93382318.8.0000.5207.

Apresentamos, neste artigo, um recorte da intervenção realizada, dando foco especialmente às atividades relacionadas ao miniconto *Uma questão de educação* de Marina Colasanti. A seguir, apresentamos um relato descritivo dos aspectos mais importantes da estratégia aplicada.

### **2.1 Espaço, tempo e personagens da ação**

Esta proposta foi realizada na Escola Municipal Dr. Moacir Breno Souto Maior, localizada no distrito de Umari, na cidade de Bom Jardim, Pernambuco, no mês de novembro de 2018, durante 14 aulas de língua portuguesa, numa turma de 9º ano, com 27 estudantes dos quais 24 participaram ativamente das intervenções, e foram identificados por pseudônimos relativos a flores, escolhidos por eles, para garantir seu anonimato.

### **2.2 O enredo da estratégia de letramento literário**

De acordo com Cosson (2014), para a devida abordagem do texto literário é preciso planejar uma estratégia adequada. Para isso, propõe o denominando Letramento Literário, ou seja, um processo que se faz através de textos literários efetivando o domínio da leitura e da escrita, o qual deve ser de responsabilidade da escola e praticado de forma organizada e sistematizada para atender aos objetivos de formação do aluno. Para esse fim, propõe dois modelos de sequências: uma básica e uma expandida, as quais foram adaptadas e utilizadas para realização das sete oficinas, aplicadas nesta intervenção pedagógica, que descrevemos a seguir.

A **primeira oficina**, teve como objetivo a motivação dos estudantes para participar da intervenção e apresentação da autora e da obra. Para isso, foram organizadas três mesinhas na sala de aula: uma delas continha obras de Marina Colasanti, e as outras apresentavam, em lados opostos, duas rosas: uma viva, outra seca, visando ativar nos estudantes diferentes sentidos do signo “rosa”. Em seguida, foram distribuídos seis

quebra-cabeças de imagens relativas à violência contra a mulher, a partir das quais foram formados grupos de estudantes que montaram a imagem de seu grupo, discutiram sobre ela e escreveram uma frase ou comentário sobre a temática, e apresentaram para a turma. Em seguida, escolheram uma biografia, numa das obras da autora, realizaram a leitura, fizeram um resumo sobre os fatos que consideraram mais interessantes, ilustraram-nos e um dos membros apresentou para a turma.

**A segunda oficina**, teve como objetivo realizar a leitura e a primeira interpretação a partir do miniconto *Para que ninguém a quisesse*. A princípio, colocamos apenas o título do texto no quadro e os estudantes fizeram previsões sobre como imaginavam aquela história. Dando continuidade, realizaram uma atividade envolvendo a leitura e a interpretação do miniconto, do qual foi extraído propositadamente o desfecho. Realizamos a leitura coletiva e, em seguida, a individual. Ao finalizar a leitura, os estudantes escreveram como imaginavam o desfecho da narrativa. Dando continuidade à oficina, realizamos a primeira interpretação do miniconto lido, na qual os estudantes retrataram a imagem da mulher no início e no final da narrativa e produziram um comentário relacionado à temática presente no miniconto.

A **terceira oficina** teve como objetivo realizar mais um momento de leitura e primeira interpretação coletiva do miniconto *Uma questão de educação*. Efetuaram a leitura silenciosa e compartilhada entre eles. Dando continuidade, cada grupo confeccionou uma imagem para simbolizar o miniconto lido e redigiu o resumo do enredo da narrativa.

A **quarta oficina** teve como objetivo desenvolver a contextualização poética e primeira interpretação individual. Para isso os estudantes realizaram uma atividade escrita sobre os minicontos lidos, entre eles *Uma questão de educação*, relativa à identificação das partes e dos elementos das narrativas, ou seja, explorar alguns aspectos que compõem a denominada contextualização poética.

A **quinta oficina** teve como objetivo mais um momento de leitura e interpretação: e teve como foco análise entre o original e o traduzido/adaptado. Foi dividida em duas partes. Na primeira, os estudantes, através de uma atividade impressa, realizaram a leitura, interpretação e comparação entre o miniconto *Nunca descuidando do dever* e sua adaptação para os quadrinhos feita pelo designer e ilustrador Marlon Tenório, disponível em <https://www.marinacolasanti.com/2012/04/nunca-descuidando-do-dever.html>. Na segunda parte, realizaram a leitura de um encarte sobre a linguagem dos quadrinhos e

foram analisados os recursos verbo-visuais empregados pelo cartunista na adaptação do miniconto.

A **sexta oficina** teve como objetivo realizar as contextualizações temática e presentificadora, propostas por Cosson (2014), em seu modelo de sequência expandida. Para essa oficina, os estudantes trouxeram uma imagem, extraída de jornal ou de sites da internet, relacionada à violência contra a mulher. Cada um apresentou sua imagem, debateu e produziu frases sobre a temática em questão. Construiu-se um portfólio com as imagens e frases produzidas.

A **sétima oficina** teve como objetivo a concretização da segunda interpretação por meio da tradução/adaptação dos minicontos lidos para os quadrinhos. Para isso, os estudantes utilizaram como apoio o encarte sobre a linguagem dos quadrinhos, o qual já havia sido estudado na quinta oficina. Dessa oficina, resultaram 24 HQs adaptadas/traduzidas a partir dos minicontos lidos, as quais compuseram uma revista intitulada *A violência contra a mulher: dos minicontos de Marina Colasanti* para os quadrinhos. Duas dessas produções serão nosso objeto de análise para este artigo.

### 3 ANÁLISE E EFEITOS DA ESTRATÉGIA DE LEITURA LITERÁRIA

Para este artigo, selecionamos duas HQs produzidas a partir do miniconto *Uma questão de educação*, dos estudantes Jacinto e Magnólia (Textos 1 e 2).

Para a análise dos resultados obtidos consideramos as categorias apresentadas no Quadro 1, a seguir.

**Quadro 1 – Categorias de Análise**

<b>INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS</b>	<b>PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE DA TRADUÇÃO/ADPTAÇÃO</b>
Estratégia de Letramento Literário	Análise semiótica da tradução/adaptação	Relação da temática com as HQs produzidas.
		Subjetividade expressa nas HQs produzidas.
		Organização e criatividade na recriação da temática dos minicontos para a HQ.
		Demonstração, nas HQs produzidas pelos estudantes, dos aspectos sociais presentes nos minicontos.

**Fonte:** Elaboração da autora (2020)

A discussão sobre os dados obtidos será realizada numa perspectiva teórico-metodológica de análise interpretativa da tradução/adaptação intersemiótica, conforme o explícito no Quadro 2 a seguir.

**Quadro 2- Aspectos analisados de acordo com as contribuições teóricas**

ASPECTOS ANALISADOS	AUTORES	CONTRIBUIÇÕES
a) Atualização da temática	- Cosson (2014)	- Contextualizações temática e presentificadora.
b) Expressão de subjetividade	- Kleiman (2016) - Koch e Elias (2014) - Jouve (2013) - Rouxel, Langlade e Rezende (2013)	- Leitura como um processo interativo.  - Leitura com um processo subjetivo.
c) Organização e criatividade.	- Cosson (2014) - Eisner (1989) - Ramos (2016) - Sousanis (2017)	- Contextualização poética. - Arte sequencial. - A linguagem dos quadrinhos. - Necessidade de “desaplanar”, não seguir o padronizado.
d) Presença de aspectos sociais nas HQs	Jauss (1994) - Iser (1996) - Candido (2011)	- Recepção do texto literário. - Efeito estético do texto literário. - Direito à literatura, humanização pela literatura.
e) Adaptação/tradução intersemiótica	- Plaza (2010)  - Hutcheon (2011)	- Tradução intersemiótica: pensamento como tradução, transposição criativa. - Categorias de tradução intersemiótica: icônica, indicial e simbólica. - Teoria da adaptação: forma de transcodificação de um sistema de comunicação para outro; passagem transcultural.

Fonte: Elaboração da autora (2020)

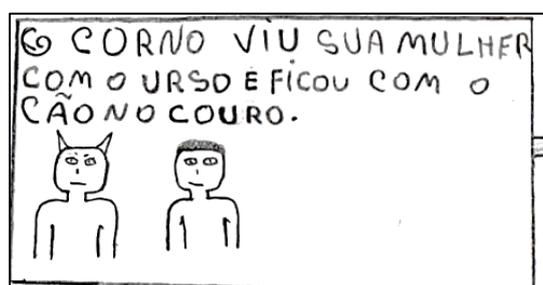
A primeira HQ analisada, Texto 1, foi produzida pelo estudante Jacinto, conforme Figura 1 a seguir.



Figura 1 – Texto 1–Aluno Jacinto.

Fonte: Arquivo da pesquisa

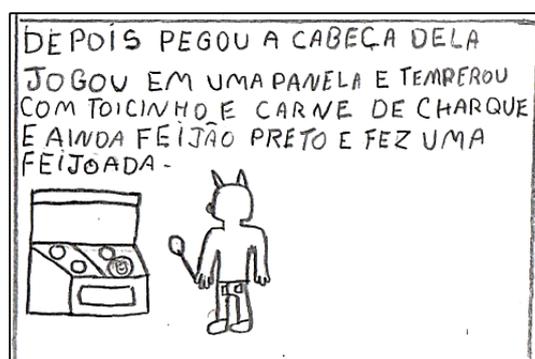
Na tradução/adaptação do miniconto *Uma questão de educação*, Texto 1, o estudante Jacinto mantém, em sua HQ, a temática da violência contra a mulher e os elementos estruturais da narrativa, todavia substituiu alguns fatos por outros mais próximos de sua realidade; como podemos observar na Figura 1.1, a seguir, referente ao primeiro quadrinho da HQ.



**Figura 1.1**– Primeiro quadrinho do Texto 1.

**Fonte:** Arquivo da pesquisa.

Observamos nesse quadrinho que o estudante utilizou os termos regionais “corno” e “urso” no lugar de “homem” e “amante”, respectivamente; fez também uso da expressão regional “cão no couro”; além disso, trocou a “sopa” de carne humana, integrante da obra de Colasanti, por uma “feijoada” temperada como “carne de charque” e “toicinho”, típicos da culinária nordestina. Concretizou, então, tanto a contextualização temática como a presentificadora, como podemos observar, a seguir, na Figura 1.2, referente ao terceiro quadrinho do Texto 1.



**Figura 1.2**– Terceiro quadrinho do Texto 1.

**Fonte:** Arquivo da pesquisa.

Ao produzir sua HQ, o estudante Jacinto demonstrou uma compreensão leitora resultante da interação entre seus conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e contextuais, e deixou-se guiar pelas emoções.. Sua releitura literária aglomera diferentes repertórios de leitura, culturais e sociais, determinando sua singularidade, sua

subjetividade. Portanto, concretiza a leitura a leitura como uma experiência particular, uma experiência única, com o poder de despertar no leitor regiões adormecidas.

Em relação à organização e criatividade do Texto 1, o estudante enquadrando sua narração, de forma concisa, em quatro quadrinhos, interligando de forma simples a linguagem verbal e a imagética; e apresentou os elementos estruturais da narrativa, de forma semelhante ao texto-fonte, concretizando a contextualização poética. Fez uso de legendas concisas, para retratar a voz do narrador, usou o balão de fala, apenas no último quadrinho para reproduzir a voz da personagem principal, como podemos observar na Figura 1.3, a seguir.



**Figura 1.3**– Último quadrinho do Texto 1.

**Fonte:** Arquivo da pesquisa.

A criatividade usada pelo aluno Jacinto é percebida tanto pelo uso de recursos verbais como imagéticos. No âmbito da linguagem verbal, destaca-se a substituição de vocábulos mais formais por outros mais regionais: corno, urso e feijoada; no da linguagem imagética, destaca-se a versão do corno de chifres, mais uma aproximação com o popular, uma vez que faz parte do senso comum a imagem da pessoa traída, com chifres, como podemos observar na figura 1.3, acima. Assim, o estudante demonstra se utilizar de estratégias de leitura, ao aportar ao ato de ler conhecimentos prévios, expressos tanto na linguagem verbal quando não verbal.

Em relação aos aspectos sociais presentes em sua HQ, identificamos a questão do machismo demonstrada ao denominar o homem de corno e o suposto amante de urso, vocábulos vulgarmente usados pela população. Centrado em sua visão pessoal, o estudante, em seu texto, não permite dúvidas sobre a traição da mulher, deixando claro que o homem é corno. Assume, uma postura machista concretizada pela exclamação pejorativa no desfecho de seu texto “nem morta, sua comida presta!”. Desse modo, a

produção de Jacinto permitiu ao estudante um encontro com suas vivências e experiências, permitindo julgá-las e modificá-las.

A recriação do miniconto *Uma questão de educação*, realizada por Jacinto, demonstra a mistura de duas categorias de tradução intersemiótica: a icônica, uma vez que há algumas semelhanças estruturais, como título e o texto; e a indicial, pois há presença do texto-original na versão produzida, especialmente em relação à temática da violência física contra a mulher. Percebemos, então, que Jacinto realizou uma transposição criativa, uma espécie de releitura pessoal. A leitura literária do estudante, portanto, configurou-se como um texto do leitor.

A segunda HQ analisada, Texto 2, foi produzida pela estudante Magnólia, conforme Figura 2.

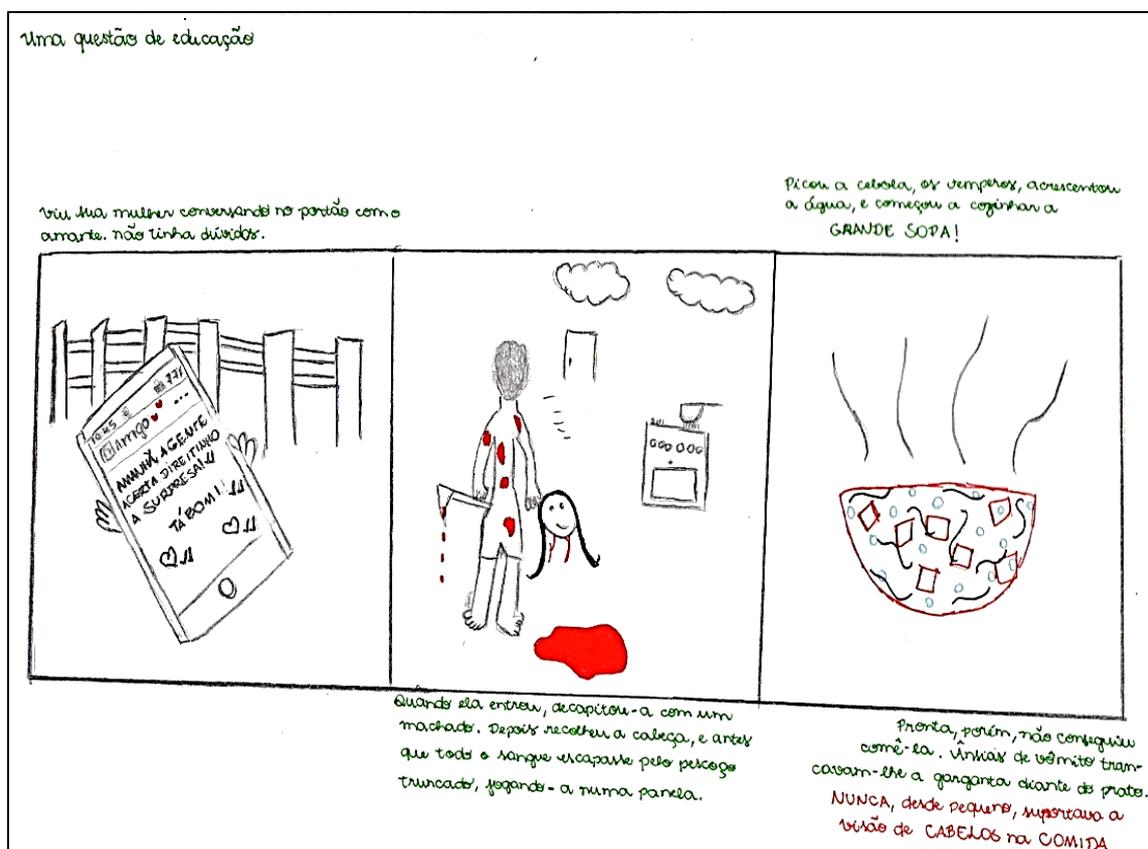


Figura 2– Texto 2 – Aluna Magnólia  
Fonte: Arquivo da pesquisa.

A produção da estudante Magnólia apresenta a mesma temática do texto original, o miniconto *Uma questão de educação*, de Colasanti. Em sua transposição criativa, a estudante utilizou apenas um recurso distintivo para a atualização da obra, concretizado

por meio da imagem de uma mensagem de celular, como podemos observar na Figura 2.1, a seguir, referente ao primeiro quadrinho da narrativa.



**Figura 2.1**– Primeiro quadrinho do Texto 2.

**Fonte:** Arquivo da pesquisa.

Na tradução/adaptação produzida por Magnólia, o homem viu sua mulher conversando no portão com o “amante”, não pessoalmente, mas pelo celular através das redes sociais. Desse modo, a estudante atualizou a temática da violência contra a mulher retratada nos minicontos de Colasanti, da década de 80 para a contemporaneidade, configurando as contextualizações temática e presentificadora.

Em relação à subjetividade, notamos que ela se faz presente através do uso da linguagem verbo-visual, em especial a mensagem no celular apresentada, anteriormente, na Figura 2.1. Há na tela do celular a seguinte mensagem: “Amanhã, a gente acerta direitinho a surpresa.” “Tá bom!” aliada à imagem de identificação “AMIGO” nos contatos do celular e a imagens de corações, os quais convencionalmente simbolizam o amor. Esse jogo verbo-visual sugestivo configura-se numa leitura participativa, e comprova que a leitura subjetiva é uma forma de compreensão, interpretação e reapropriação do texto pelo leitor.

A HQ produzida está organizada de forma semelhante ao texto original. Magnólia elaborou para cada parte da narrativa uma imagem, representando-a; e mantém o texto-fonte em legendas, fora dos quadrinhos. Seu texto está organizado em três quadrinhos,

similar a uma tirinha, respeitando os elementos da narrativa, concretizando a contextualização poética, relativa às especificidades do gênero textual.

A tradução imagética produzida por Magnólia expressa sua criatividade. Entre os principais recursos criativos destacamos o texto verbo-visual do primeiro quadrinho, conforme figura 2.1, apresentada anteriormente, onde podemos observar a presença de ícones referentes à bateria do celular, conexão de *Wifi*, o relógio, além da imagem das mãos que seguram o aparelho. Destacamos, também, os recursos imagéticos empregados no segundo quadrinho conforme Figura 2.2.



**Figura 2.2**– Segundo quadrinho do Texto 2.  
**Fonte:** Arquivo da pesquisa.

O primeiro aspecto que nos chama atenção no segundo quadrinho é o uso da cor vermelha, simbolizando o sangue da mulher decapitada. Imagens como o sangue nas costas do homem, o sangue pingando do machado, o homem segurando a cabeça da mulher e a poça de sangue no chão são elementos cruciais para a concretização da tradução intersemiótica realizada pela aluna Magnólia.

Em relação aos aspectos sociais, percebemos que a aluna manteve o tema da violência contra a mulher, e soube como usar o poder da literatura como um instrumento de libertação e humanização; e trouxe a temática para os dias atuais, quando fez uso das redes sociais, como um dos fatores determinantes dos conflitos entre casais na contemporaneidade.

O Texto 2, produzido pela aluna Magnólia, concretiza a tradução intersemiótica ou transmutação defendida por Jakobson (2008), uma vez que consiste na interpretação de signos verbais por outros signos, no caso, a imagem, e mantém os mesmos elementos, a mesma história, e, sobretudo, a temática da violência física contra a mulher, transportada

apenas para outro gênero, os quadrinhos, numa imbricação entre linguagem verbal e imagética. Demonstrou enfoque na categoria indicial de tradução intersemiótica, traduzindo seu “pensamento” em imagens, na visão de Plaza (2010).

Magnólia concretiza a adaptação do miniconto lido por meio de desenho e pintura, mantendo como “denominador comum a história do texto de partida”, e ao inserir o uso dos recursos digitais em seu texto, adaptou o miniconto ao novo meio, sobretudo a um novo tempo e uma nova cultura, conforme ideia de Hutcheon (2011). Dessa forma, demonstrou agir como um leitor ativo na construção de sua compreensão leitora; criou, então, uma nova versão do texto, e a leitura literária resultou em um texto do leitor.

Concluída a análise e observados os efeitos da aplicação de nossa estratégia de letramento literário, teceremos agora nossas considerações finais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A temática da violência contra a mulher foi presentificada o que se comprovada pela contextualização do comportamento regional feita pelo estudante Jacinto através da substituição de fatos e termos linguísticos por outros mais próximos da realidade dos alunos, e através da demonstração da interferência das redes sociais nos relacionamentos modernos presente na produção de Magnólia.

Harmonia entre imagem e texto literário é perceptível na organização de grande parte das HQs analisadas. União entre a linguagem dos quadrinhos, liberdade e criatividade constituem as principais características relativas à organização dos textos produzidos, como o emprego da cor vermelha para simbolizar a violência física por Magnólia, e a imagem do “corno de chifres”, reflexo da visão machista, retratada por Jacinto, a organização dos elementos estruturadores da narrativa como: conflito, clímax e desfecho.

Interação e subjetividade exalam das traduções/adaptações dos estudantes. Conhecimentos enciclopédicos, linguísticos, contextuais e, sobretudo “singularidades pessoais”, fruto das experiências e vivências dos participantes da pesquisa, determinam sua interpretação/compreensão dos minicontos, como a demonstração de machismo, expressa pelo estudante Jacinto, oriunda do contexto social no qual está inserido.

Entre os aspectos sociais presentes nas HQs destacam-se a interferência das redes sociais nos relacionamentos atuais, retratada por Dália e Magnólia e a persistência da visão de “inferioridade” da mulher em relação ao homem, demonstrada pelo estudante

Jacinto. Dessa forma, a tradução/adaptação dos minicontos de Marina Colasanti para os quadrinhos, realizada pelos participantes da pesquisa, pode ser sintetizada como uma “recriação crítica, atualizada, subjetiva, criativa e organizada”, a partir de relações intertextuais, à luz das teorias de Plaza (2010) e Hutcheon (2011).

Essa estratégia foi satisfatória para os participantes da pesquisa devido ao contexto no qual estavam inseridos. Todavia, para melhor adaptação a contextos diferentes, podem ser integrados, em sua execução, outros recursos, como os digitais, possibilitando a melhoria das competências de leitura e escrita de outros estudantes.

Após a análise, concluímos que tanto o texto verbal quanto o não verbal podem contribuir para a formação do aluno leitor-autor, uma vez que ambos possibilitam a ativação de conhecimentos enciclopédicos, linguísticos e contextuais, contribuindo para a compreensão e interpretação leitoras. Por fim, depreendemos que a tradução/adaptação produzida pelos participantes da pesquisa, fruto da estratégia aplicada, deixou impregnado o aroma das diferentes leituras literárias, ou seja, das compreensões pessoais e singulares, concretizando produções de alunos leitores-autores.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base – BNCC. Brasília, DF, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC\\_19dez2018\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf). Acesso em 27 Dez. 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Ana. **Ensinar a ler e ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

COLASANTI, Marina. Uma questão de educação. In: **Contos de Amor Rasgados**. Rio de Janeiro: Roco, 1986.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo, SP: Contexto, 2014.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Escrito e ilustrado pelo autor. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, SP, v. 31, n. 03, p. 483-502. set./dez.2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/viewFile/27991/29774/>. Acesso em 15/02/2018.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis, SC: UFSC, 2011.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 23.ed. São Paulo: Cultrix, 2008. Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOUBE, Vincent. A leitura como retorno a si mesmo: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas – In: **Leitura Subjetiva e ensino de literatura**. (Org.) Rouxel, Annie, Langlade e Rezende, Neide Luíza. São Paulo: Alameda, 2013, p.53-65.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 16ª Edição. São Paulo: Pontes Editores, 2016.

KOCH, Ingedore Vilaça ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3ª Edição. São Paulo: Contexto, 2014.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2. Edição, 2010.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2º Edição. São Paulo: Contexto. 2016.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard & REZENDE, Neide Luzia (org.) **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

\_\_\_\_\_. O advento dos leitores reais. Trad. Rita Jover- Faleiros. – In – **Leitura Subjetiva e ensino de literatura**. (Org.) Rouxel, Annie, Langlade e Rezende, Neide Luíza, São Paulo, Alameda, 2013, p. 191-208.

SANTOS, Roberto Elísio dos. VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. In: **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, nº 27, p. 81-98, jan./abr.2012.

SILVA, Maria Gomes da Costa. **Da leitura de minicontos de Marina Colasanti para os quadrinhos: uma estratégia de letramento literário**/ Maria Gomes da Costa Silva. – Nazaré da Mata: o autor, 2019.180 p.: Il.

SOUSANIS, Nick. **Desaplanar**. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Veneta, 2017.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.